

D I A D E

Conto por Afonso Ribeiro.
Motivo de Azevedo.

AINDA terra e céu eram caliginoso montão de sombras e já Serafim, devagar, devagar, que a mãe dormia do outro lado da taipa, saíra para o largo à espera dos ganhões com quem nêsse dia havia de arrancar.

Estivera em França donde voltara dois meses atrás — tão pobre como partira. Isso, porém, não lhe causava engulhos. A traição de Rosa, brutal e inesperada, sim, despertava-lhe tão negra tristeza que até o mundo inteiro parecia andar de luto. E roubava-lhe o sono, roubava-lhe o apetite, pondo para mais frenesim em seus modos e em sua fala segura. Que aqueles amores, também, contavam-se por anos. Pelo menos êle sempre em seu seio conhecera tal ternura. Já em ganapo, quando a miudagem ia de mistura com os grandes a pular o fado no terreiro ao toque do harmonium do José Bonito, a procurava, a preferia a tôdas. E nas desfolhadas, nas vindimas, a mesma coisa.

Trocaram juras depois, e uma vez, no caminho que entesta às veigas, solitário e propício a confidências, êle, cabo da sachola especado no sovaco, ela, cêsta teiga enfiada no braço, concertaram planos futuros: uma casa, uma cabra, uma geira de terra, um casallito de filhos... Foi então que partiu para França, à cata de fortuna. As lágrimas que ela chorou de encontro ao seu peito, na escuridão da noite, quando o povoado dormia entanguido de frio, doeram-lhe tanto como as saúdades curtidas lá longe, na terra estranha. Dôr maior só a provocada pela carta da mãe: «Serafim, escrevo esta para te dizer que podes tirar o sentido da Rosa. Ela vai casar com o Bernardo e até já botaram os banhos. Pregou-ta na menina do ôlho mas deixa lá, que mulheres há-as aos ponta-pés e desta casta, quando largam, até é de agradecer a Deus Nosso Senhor, pois para desfeitearem um homem não é preciso irem lavar as mãos à ribeira».

A notícia da perfídia matou-lhe as ambições por môr das quais abandonara tudo. Um só desejo ficou a queimá-lo: regressar, regressar, regressar... E logo que pôde, abalou.

Mas ainda no caminho amargamente se arrependeu. A aldeia ia dar à língua, cochichar, rir-se de-certo. E, quando atravessa os descampados da Meseta, sua alma era mais desolada que a desolada terra por onde o combóio corria. E ali mesmo, olhando através dos vidros sujos do compartimento de 3.^a classe os plainos desertos de Castela, assentou despedir de-novo mal chegasse a casa.

O pior é que os magros tostões economizados a labutar na estranha não davam para passagem que o levasse até os Brasis. Porque êle queria que a separá-los ficassem as águas do oceano. E à espera de que alguém, servindo-lhe

de fiador, o ajudasse a dar forma às suas aspirações, Serafim consumia-se de impaciência.

Levara o quinto *pedreiro* no fio quando apareceu o Benjamim, o «doutor», e mai-lo o Avelino, o «porqueiro». Eram cunhados e vinham a alterçar, ainda estremunhados e muito rotos.

— És um morcão!

O «doutor», que rilhava uma côdea, encolheu os ombros, sem voltar resposta. Diante daquela indiferença, o Avelino espinoteou:

— Pois olha que rai's me partam se não há-de pagar com língua de palmo a sovínice.

— Sabes que mais?—volveu o outro parando obra de segundo—vai-te encher de bosta!

Doutras ruelas outros iam surgindo. O Chico Palmas, baixo e hêrcúleo, deixando ver, pela camisa meio desabotoada, a cabelugem áspera que lhe revestia o peito; o João Serrano, cambalo e cantor de arraiais, que vinha cantando:

Amor é sonho que mata,
Oh! quem me dera morrer.
Vale mais morrer d'amores
Do que sem êles viver.

O Amadeu Loureiro, boina vasca descaído sobre a orelha, farçola; o Aires do Ilídio, buço incipiente a despontar num lábio sereno; os três irmãos Pereira, ruivos e mais altos que pinheiros.

Faltavam outros ainda: o António Calado, o Libório Martins, o Júlio Branco..., que o sr. Miguel andava arrebanhando pelas cangostas da aldeia, batendo-lhes ao ferrolho.

À porta carreira do «patrão» o rancho completou-se. O Bernardo também estava.

Mataram o bicho, um copo maneirinho de água-ardente por cabeça. De-cima, do mainel, o «patrão» dava ordens; ao deslado, na valeta, um cão famélico, de pêlo às malhas, rilhava um ôsso.

Clareava a manhã e por almuínhas e almarceais, o verde sorria lá na frescura matinal. O povoado despertava, saindo os patins, a espreguiçar-se: as mulheres destrançadas e sujas; os homens sujos e remelados; as crianças remeladas, sujas e ranhosas.

Mata-bicho na pança o magote de cavadores avançou trabucando o pão de centeio, negro e duro, sacado dos fundos bornais. Ao largo, nas balseiras, ouviam-se trilos de melros.

Em fila indiana o ranchel foi pinchando as alpondras dum ribeiro de águas cantadeiras. À cabeça o João Serrano atirando à solfa do passaredo a solfa rude da sua voz, em desafio; no couce o «doutor» e mais o «porqueiro» cada vez mais acesos na discussão que não tinha fim.

No trilho flexuoso aberto no pé de monte